

CONFERÊNCIA

O SENADOR ALFREDO ELLIS (1).

Esta conferência só pôde ser levada a efeito, graças às informações colhidas entre os membros da família Ellis e, principalmente, graças aos conselhos, orientações e conclusões que recebi de meu pai, o Prof. Alfredo Ellis Jr. que, com o sentimentalismo de filho, soube retratar as qualidades do Senador Alfredo Ellis, em côres radiantes de admiração e que, graças ao seu espírito científico, soube também apontar a fria e exata verdade de sua vida de médico, de suas atividades como bandeirante do café e, posteriormente, do seu desempenho político, no cenário federal e estadual.

A seguir, procurarei fazer uma síntese da vida do homenageado, acompanhando e interpretando alguns fatos principais de História política e econômica da época em que êle viveu e na qual atuou, desempenhando um papel ativo na História de S. Paulo, participando da expansão cafeeira e da política do nosso Estado.

Para tanto, analisarei as quatro principais fases de sua existência: A Origem, A Formação, O Bandeirismo do Café e A Política.

A ORIGEM

Em 19 de março de 1850, nasceu aquêle que seria o futuro Senador de São Paulo.

Por parte de pai, proveio da antiga estirpe britânica, aqui representada pelo médico inglês, Dr. William Ellis, radicado em S. Paulo de Piratininga, desde 1832, onde exerceu a profissão, durante 25 anos, no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, com a devoção de um verdadeiro sacerdote, sendo cognominado de "o médico dos pobres".

Por parte de mãe, D. Maria do Carmo da Cunha Bueno, descendia dos primeiros troncos paulistas, iniciados com o povoamento martim-afonsino, em 1532.

(1) — Conferência pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 18 de março de 1950, por ocasião do centenário de nascimento do Senador Alfredo Ellis, decorrente no dia 19 de março de 1950.

Os antepassados de D. Maria do Carmo participaram da História de S. Paulo: no Bandeirismo, na Descoberta do ouro nas Gerais e na Expansão pastoril e povoadora do interior luso-americano, como os antepassados do Dr. William Ellis haviam participado e pugnado na formação histórica da Inglaterra.

Dessas duas estirpes combativas, originou-se aquêle que foi um legítimo batalhador pela causa da liberdade e da justiça, o Senador Alfredo Ellis.

A FORMAÇÃO.

A infância decorreu suavemente na velha casa da rua Direita, onde nascera.

Desde os primeiros anos, revelara nítido espírito de independência e elevado índice de individualidade.

Após os primeiros estudos de latim, vernáculo e história da humanidade, numa S. Paulo minúscula de 25.000 habitantes, de baixo nível cultural, em 1864, o jovem Alfredo Ellis foi enviado aos Estados Unidos, para realizar o curso médico na Universidade de Pennsylvania. Ainda ninguém, em S. Paulo, havia estudado na República do hemisfério norte e por êste motivo, o espírito liberal-democrático que então se respirava no Brasil, não era o filiado à declaração da Independência norte-americana realizada em 1776, porém, o originado na Revolução francesa, em mistura com o velho liberalismo britânico que tanto influenciou o Brasil, na primeira metade do século 19.

Nos primeiros dias de janeiro de 1865, o jovem paulista chegava ao término da viagem, atingindo, após longo percurso, em navio à vela, a cidade de Filadélfia, no Estado de Pennsylvania onde, logo a seguir, matriculou-se no curso médico.

Nessa ocasião, os Estados Unidos chegavam ao fim de uma de suas crises político-sociais: a Guerra de Secessão, cujo ambiente psicológico agiu grandemente na formação do jovem paulista que, durante tôda a sua vida, evidenciou a influência do liberalismo "yankee".

Lincoln foi para êle, um ídolo que cristalizou todo o idealismo utópico originado com os peregrinos do *May-Flower*. E a memória do imortal herói da Independência norte-americana, George Washington, sempre esteve presente na imaginação do jovem estudante de Medicina que, mais de uma vez, foi a Mount Vernon em visita ao seu túmulo, onde, em profundas meditações, assimilou o espírito republicano e liberal-democrático que saturava o ambiente norte-americano.

Esse liberalismo sorvido em Filadélfia, harmonizava-se com a natural formação mental do jovem paulista, pois a sábia orientação paterna que o encaminhara para os estudos no estrangeiro, presidida de liberalismo, os seus primeiros anos.

Essa mentalidade moldada no norte dos Estados Unidos, tornou-se tão arraigada no espírito do nosso homenageado que, embora a organização social então reinante na Província de S. Paulo, fôsse diferente da conhecida na República vizinha e, apesar de, ligado pelo parentesco à aristocracia do café, o jovem médico não alterou aquela dose de particularismo liberal-democrático republicano, recebido em Filadélfia, dirigindo sempre o seu caminho para a meta da Abolição e da República, da qual foi um dos pregoeiros componentes da falange inicial.

Em fevereiro de 1869, quatro anos após a partida de sua terra natal, graduava-se em Medicina, conquistando o segundo lugar e, a medalha de prata, da Universidade.

Antes de tornar a S. Paulo, partiu para a Inglaterra, encontrando-se com seu pai, já viúvo havia algum tempo.

Percorreram juntos a Europa, principalmente a França e Alemanha, em viagens que alargaram o horizonte cultural do jovem médico.

Estava completa a sua formação e, elaborada a sua mentalidade de espírito empreendedor e independente.

A belicosidade infantil, o fato de estudar sózinho em terra estranha, como ainda sua pouca idade, sua ida para o interior paulista como desbravador do sertão e, finalmente, sua vida política, provam o caráter combativo, herdado de sua ancestralidade, e sua formação psicológica, dirigida pelas idéias liberais, que recebeu na casa paterna e nos Estados Unidos.

O BANDEIRISMO DO CAFÉ

Regressando a S. Paulo no início de 1870, após defesa de tese no Rio de Janeiro, o jovem médico iniciou a profissão à qual se dedicara. Instalaram, êle e o pai, um consultório à rua Direita. S. Paulo ainda não possuía 30.000 habitantes, resumia-se na diminuta área do "Triângulo". As visitas médicas eram remuneradas com apenas 2 cruzeiros e as consultas, com 320 centavos.

Após quatro anos de atividades e, depois da morte de seu pai, o jovem doutor casou-se, em 1874, com sua prima, D. Sebastiana Eudóxia da Cunha Bueno, filha de Cel. Francisco da Cunha Bueno, irmão mais moço de sua mãe.

Foi essa a escolhida para sua noiva, desde o dia em que nasceu. Foi a companheira certa e fiel das horas felizes e dos momentos difíceis, que permaneceu corajosamente, sempre ao lado do marido, no desbravamento do sertão e, em todos os momentos árduos de sua existência. Ela também possuía aquela fibra valorosa do bandeirante paulista dinâmico e lutador.

Por isto, e por ser hoje o 21.º aniversário de seu falecimento, em 1929, quero também homenagear aquela que durante tôda a

mocidade e a velhice, foi um dos grandes estímulos na vida do Senador Alfredo Ellis, contribuindo com sua valorosa energia, incomensurável carinho e infinita dedicação.

* *
*

Apesar de ter ficado sòzinho com o consultório médico, o Dr. Ellis preferiu abandonar o campo da clínica para seu irmão Guilherme que chegara recentemente de Pennsylvânia, onde também se graduara em Medicina.

Resolveu seguir o tio e sogro, grande agricultor pioneiro, nessa ocasião em que o café se extendia pelo oeste paulista, invadindo o sertão e vencendo a mata virgem. Iniciava-se uma fase nova de sua vida: o “bandeirismo do café”, a marcha para oeste.

Foi nessa ocasião que pôde por em ação, as qualidades de homem de largos horizontes, dotado de elevado espírito aventureiro e de dinamismo remarcado, que se revelou como pioneiro da onda verde do café.

Ninguém, além dêle, estava tão indicado para acompanhar o sogro sertanista.

Sta. Eudóxia — Nos princípios do século XIX, fôra iniciada a cultura do café em S. Paulo, cultura que, do vale do Paraíba, com o decorrer das décadas, foi se assenhoreando do oeste paulista, onde hoje se extendem as linhas troncos da Cia. Paulista e, nas vizinhanças de Campinas, Amparo, Pedreira, Indaiatuba, Itatiba, Itú, Jundiá, etc. Essa lavoura maravilhosa foi consequência:

1.o) do aumento do consumo de café, para o mercado norte-americano, enriquecido com as vendas de algodão para a Inglaterra recém-industrializada.

2.o) do advento do navio a vapor, que determinou um transporte muito mais rápido, barato e seguro, de maior capacidade e eficiência.

Em 1870, a avançada não ia além de Rio Claro que, na época, era considerada “boca de Sertão”.

Sòmente depois dessa data, é que os paulistas avançaram para além dessa região, em direção a S. Carlos.

O Cel. Francisco da Cunha Bueno possuía em Rio Claro, num local denominado “Morro Pelado”, uma lavoura de café e uma plantação de cana. Entretanto, não se contentava; obedecendo ao imperativo que também impulsionou os seus antepassados, desejava avançar para diante, isto é, mais para o interior do sertão do Mogí-Guassú, onde as magníficas terras roxas acenavam para a desenfreada lavoura cafeeira. São Carlos era o ponto almejado.

De fato, em 1874, era atingida pela expedição do tio e do sobrinho, a região próxima ao Mogi-Guassú, de cujas terras o Cel. Cunha Bueno se empossara, em 1875, começando a fazenda com roça inicial, marco avançado no desbravamento do sertão.

Em pleno coração da mata, em tórno do rancho erguido um ano antes, abriram-se as lavouras e, mais um latifúndio cafeeiro se ergueu, nos moldes do núcleo da nobreza rural que o Estado do Rio dera ao Brasil. Recebeu o nome de “Sta. Eudóxia”, em homenagem à sogra e à esposa do Dr. Ellis.

A labuta, entretanto, seria ainda muito árdua; sòmente cinco anos mais tarde, em 1880, o café iria produzir os primeiros resultados dos grandes esforços empreendidos.

Nesse ano de 1880, o jovem médico paulista tinha sòmente 30 anos e sua esposa, 21.

Oliveiras — Em 1880 foi colhida a primeira e pequena safra cafeeira em Sta. Eudóxia, a única da qual se aproveitou o Dr. Ellis, pois, no ano seguinte, por uma desinteligência com o sogro, retirou-se da sociedade.

Da desavença em pleno cafezal, o Dr. Ellis não mais retornou à casa central da Fazenda, onde se encontrava sua espôsa, com três filhas e um filho, ainda na primeira infância. Enviou-lhe um bilhete perguntando se preferia ficar com o pai, ou seguiria o marido nessa ocasião difícil de sua vida. Caso resolvesse pela última hipótese, estivesse com os filhos e a mudança pronta, às 5 horas da manhã, num ponto determinado da estrada, que êle por lá passaria de “trolley” em direção à nova fazenda adquirida a prazo, no município de Rio Claro. Chamava-se a fazenda, “Oliveiras”, em homenagem à grande e patriarcal família colonizadora da região rioclareense.

Sem hesitação e com grande estoicismo, sua espôsa optou pela segunda solução e seguiu o marido que na ocasião, dispunha sòmente de 82 mil réis no bolso.

Dois dias depois, o grupo dos novos bandeirantes chegava à recém-adquirida fazenda de Oliveiras. Entretanto, era péssimo o estado desse centro rural cafeeicultor: casas caindo, escravos doentes, aparelhagem emperrada, e lavoura abandonada e invadida pelo mato. A casa principal era bastante humilde, sem fôrro, com chão de terra socada, sem água encanada e com paredes esburacadas.

Estava escrito mais um capítulo na epopéia de pioneiro do jovem médico paulista e, mais uma fase de luta se antepunha ante os recém-chegados.

Aos poucos, grande parte da mata foi derrubada, novas lavouras alinharam-se às antigas, benfeitorias e instalações adequadas foram se erguendo, rodeando a casa principal reconstruída e,

Oliveiras, de simples tapera, foi se transformando em verdadeiro paraíso, tendo como capital único, o esforço do jovem casal, pois somente em 1883, o Dr. Ellis recebia o dinheiro correspondente à venda à prazo que fizera, ao sogro, de sua parte em Sta. Eudóxia.

No entanto, Oliveiras progredia e o Dr. Ellis, queimado pelo sol tropical que lhe mudara a cor das faces, dirigia a derrubada da mata e a avançada da onda verde que caminhava, não só à custa do trabalho escravo, mas também à custa da têmpera de aço do pioneiro paulista, da alma retesada de caboclo piratiningano.

Crescia a lavoura cafeeira e crescia a família do Dr. Ellis, a qual se enraizara em Rio Claro.

* *
*

Em 25 de dezembro de 1887, o Dr. Ellis, de acôrdo com sua formação liberal influenciada pelo idealismo utópico de Lincoln e dos "yankees" de Filadélfia, onde moldara a mentalidade, pelo seu grande culto à liberalidade e, lutando contra os próprios interesses econômicos, libertou os 42 escravos de sua fazenda, 5 mês antes da Lei Áurea.

Arrebatado, persistente e enérgico, o Dr. Ellis comungou na Abolição escravagista, como também se empolgou pelo sonho da República. Se tivesse sido um elemento da plebe, seria natural que pregasse a liberal democracia, niveladora de tôdas as classes sociais; era porém, um elemento da aristocracia rural dos abridores de fazenda, dos pioneiros da terra roxa, apesar disso era republicano, pregava a igualdade; e, embora fôsse senhor de escravos, era abolicionista!

Esse temperamento idealista, a formação liberal republicana que recebera no estrangeiro e os acontecimentos políticos efetuados com a proclamação da República, foram os responsáveis pela nova fase da vida do nosso homenageado: a sua participação na política nacional, o que veremos a seguir.

A POLÍTICA.

Ao ser proclamada a República, em fins de 1889, o Dr. Ellis via realizar-se o seu ideal de progresso das liberdades cívicas, existentes em estado embrionário, desde a monarquia; eram novos horizontes que se abriam para êle e sua família: iam deixar o meio rural paulista, passando para a capital de S. Paulo e, depois, para os centros urbanos do Rio de Janeiro.

Em 1890, foi vendida a fazenda Oliveiras, por baixo preço, porquê a ambição não havia se desenvolvido neste homem profundamente altruista que só pensava no bem estar das pessoas que lhe eram caras, sacrificando sempre o próprio conforto.

Realizada a venda de Oliveiras, a família do Dr. Ellis, composta da esposa e dos 6 filhos, transferiu-se para S. Paulo, indo residir em um "chalet", situado à rua Pedroso, próximo ao caminho que, do Piques, demandava Sto. Amaro, nas vizinhanças da residência do Cel. Francisco da Cunha Bueno que morava na mesma rua.

Nesse mesmo ano, o Dr. Ellis foi eleito deputado federal, para a Câmara Constituinte, a qual iria elaborar a lei básica da República. Era o início da vida política do nosso homenageado, ainda que não houvesse, por completo, cessado a sua atividade agrícola. Esta recomençaria mais tarde!

A fase política da vida do futuro Senador, pode ser dividida em duas partes distintas: A 1.a, a dos *Antecedentes políticos* e a 2.a., a *Fase política propriamente dita*.

A primeira, a dos *Antecedentes políticos*, compreende dois momentos distintos: um, em que o Dr. Ellis foi *propagandista da República*, outro em que revelou-se *aboliconista convicto*.

A *propaganda republicana* durou de 1870 a 1874, época em que possuía consultório médico na capital paulista.

Atendendo gratuitamente os estudantes de Direito, portadores de grande prestígio intelectual, o jovem médico ligou-se a essa classe estudantina, por sólidos laços morais e sentimentais; foi fácil, assim, a irmanação do jovem doutor, no ambiente dos jovens estudantes, o qual foi saturado pela mentalidade liberal-democrática que o Dr. Ellis tinha sorvido em Pennsylvania e, em contacto com seu pai.

Daí as prédicas republicanas sôbre o que o jovem médico tinha visto e aprendido nos Estados Unidos. A declaração da Independência, o exemplo de Washington, os ensinamentos de Jefferson e o idealismo utópico de Lincoln, foram doutrinados aos moços das Arcadas acadêmicas, pelo jovem médico recém-formado.

Já nessa ocasião, havia sido divulgado por todo o país, o famoso manifesto republicano de 1870 e, logo depois, realizava-se em Itú, a Convenção chefiada por João Tibiriçá de Piratininga. O Dr. Alfredo Ellis não tomou parte nesse conclave, sua propaganda era mais antiga e de outra natureza. Ele era um propagandista solitário, preferia agir sozinho e de forma menos espetacular.

O 2.o momento dessa fase de Antecedentes políticos, foi o *Aboliconismo*. Sôbre isso, já falei há algumas linhas atrás, em que, pondo o idealismo dos princípios recebidos, acima de seus próprios interesses econômicos e, contrariando a própria classe da aristocracia rural cafeeira, o Dr. Ellis foi partidário ardente da Libertação, quebrando, em sua fazenda de Oliveiras, os grilhões dos escravos que possuía, em dezembro de 1887.

A fase política *pròpriamente dita* iniciou-se após a proclamação da República, compreendendo duas épocas distintas: a primeira, em que o Dr. Ellis foi *constituente e deputado*, de 1890 a 1902 e a segunda, de 1902 a 1925, em que foi *Senador*.

Eleito, em 1890, *deputado federal* pelo 8.º Distrito eleitoral, o Dr. Ellis partiu sozinho para o Rio de Janeiro, hospedando-se no Hotel Nacional, à rua do Lavradio.

Nessa ocasião, as primeiras atividades da Assembléia Constituinte foram dirigidas para a elaboração da Primeira lei básica da República. Embora inexcusável conhecedor da História, o Dr. Ellis não era especialista em Direito e nem em Ciências Sociais, por este motivo não se destacou na elaboração da Constituição, a qual centralizou demasiadamente as atividades do Brasil, como se fôsse um país pequeno e geograficamente homogêneo, desprezando a autonomia dos Estados.

Da elaboração de uma Constituição inadaptada resultou o estado de perene desassocêgo do período republicano, demonstrando que fôra creado algo de errado na estrutura nacional: uma lei inadequada às realidades brasileiras, uma federação, na qual a centralização foi concebida com um colorido bem mais forte do que a norte-americana.

A bancada paulista, composta de poucos deputados, não pôde impedir que a lei fôsse votada e posta em vigência.

No desenrolar dos acontecimentos do "Governo Provisório", o Partido Republicano Paulista se desaveio com o Marechal Deodoro e colocou-se na oposição. O deputado Alfredo Ellis seguiu a diretriz do seu partido, embora tenha tentado inutilmente apaziguar a contenda entre Deodoro e os paulistas.

Os governadores, inclusive o de S. Paulo, o Dr. Américo Brasiliense, chefe republicano, ficaram com Deodoro que, em 3 de novembro de 1891, deu um golpe de Estado, dissolvendo o Congresso.

O primeiro grito de reação contra êsse ato de violência, partiu do Deputado Ellis, que, em S. Paulo, reuniu-se aos amigos e correligionários do Partido Republicano Paulista: Paulino Carlos de Arruda Botelho, Bernardino de Campos, Jorge Tibiriçá, Prudente de Moraes, Campos Sales, Manoel de Moraes Barros, Francisco Glicério, Cerqueira César, Rodolfo Miranda e outros. Juntos, no edifício do "Correio Paulistano", no dia 9, combinaram uma revolução contra o governo paulista que, decididamente apoiara o golpe anti-democrático de Deodoro. Resolveu também o Partido, que o Dr. Ellis seria o chefe da Revolta e iria para Rio Claro, ponto escolhido como núcleo inicial do movimento que deveria caminhar da periferia para o centro, onde se localizava o governo estadual.

De acôrdo com o plano premeditado pelo Dr. Ellis, para ser evitado um possível morticínio no encontro com o destacamento da força policial do Estado, seria efetuada a prisão de reféns do gru-

po contrário; foram presos, então, os chefes e autoridades locais, Dr. Francisco de Sá Barreto, Capitão José de Campos Negreiros, Dr. José Inácio da Fonseca e outros. Esses prisioneiros, sabendo que seriam as primeiras vítimas, se por ventura a força militar atacasse, procuraram evitar a luta, escrevendo e ordenando a capitulação do Tenente Batista da Luz, comandante da mesma.

Estava vitorioso o golpe revolucionário em Rio Claro.

A sua influência em S. Paulo fêz-se sentir, quando o deputado Ellis chegou à Capital. Reunindo-se a Bernardino, Campos Sales e Prudente, planejaram para o dia seguinte, o movimento armado decisivo. Nesse momento, a cavalaria corria pelas ruas da cidade, espalheando o povo e desfechando tiros de clavinote e, do próprio palácio do Governo, foi desferida uma descarga de fuzilaria contra o escritório do Dr. Ellis, então à esquina do Largo do Tesouro.

O motim, entretanto, triunfava e, sem ter sido necessária a luta, o governador retirava-se do palácio, deixando o governo nas mãos do Major Castelo Branco.

O principal foco de sedição fôra Rio Claro. Triunfante o movimento, o Dr. Ellis, pela sua iniciativa e pela sua coragem, recebeu uma grande e sincera homenagem de seus amigos e companheiros daquela cidade: ao batalhão formado para desarmar a força estadual, por ocasião da revolta, foi conferido o nome de "Batalhão Alfredo Ellis". Era composto de cento e tantos homens selecionados e tinha o quadro completo de oficiais. Vindo para S. Paulo, amparou o governo interino de Cerqueira César. No ano seguinte, em 1893, durante a revolta de 6 de setembro, o Governo lhe entregou a manutenção da ordem e o batalhão desfilou pelas ruas da Paulicéia, sendo aclamadíssimo. Durante a revolta da esquadra, chefiada pelo Almirante Custódio de Melo, mais uma vez se evidenciou, encarregando-se da defesa do pôrto de Santos, atacado pelo cruzador "República".

* *

*

Em vista da reação democrática que se alastrara pelo país e fôra iniciada em S. Paulo, Deodoro renunciou a 23 de novembro de 1891 e Floriano Peixoto assumiu o poder, para terminar o período governamental.

Em S. Paulo, o Partido Republicano Paulista assenhoreava-se de todas as posições de mando. Isto devia-se, na maior parte, à energia e ao espírito de decisão do Deputado Alfredo Ellis, que soube enfrentar as responsabilidades, tomando desabusadamente a chefia da revolta de Rio Claro. Não fôsse a vitória desse movimento rioclarenses, o Governo paulista teria continuado a apoiar Deodoro que, juntamente com Lucena, prosseguiria na orientação ditatorial iniciada com o "golpe de Estado" e com a dissolução do Congresso.

No Rio de Janeiro, a bancada paulista formada inteiramente pelo Partido Republicano Paulista, apoiava o governo de Floriano, e o Deputado Ellis foi uma das pessoas de maior confiança do Marechal, tornando-se um dos elos de ligação entre êle e o Governo de S. Paulo, dirigido por Bernardino de Campos.

Eram sólidos os laços de amizade entre o nosso homenageado e o então presidente de São Paulo, a ponto de estarem juntos frequentemente, em casa do futuro Senador, entretidos em longas palestras.

Certa vez, em uma dessas palestras, tendo o Dr. Ellis sabido de boatos alarmantes sobre tentativas de subversão no edifício republicano e na ordem pública e, tendo o conhecimento de que o Tesouro Estadual tinha um saldo em caixa de 20 mil contos, disse ao Presidente Bernardino:

— “Como pode você dormir tranqüilo, quando a República tem tantos inimigos e ainda corre perigo? Que contas dará você, mais tarde, se por ventura o Estado de S. Paulo fôr assaltado, os inimigos tentarem apoderar-se do Tesouro e, quando os amigos da República e da legalidade lhe vierem pedir armas para defendê-la, você só puder lhes fornecer “cabos de vassoura”? E’ tempo de tomar uma providência sobre êste assunto de armamentos para S. Paulo”.

Ante essas palavras, Bernardino convocou uma reunião em Palácio, onde o deputado Ellis expôs idéias que foram imediatamente aceitas. Foi solicitada da União autorização para que S. Paulo importasse 5.000 fuzis “Manulicher” e 1.000 clavinotes para a cavalaria e munição em abundância.

Esse armamento que foi pago pelo Estado, por intermédio do Snr. Serzedelo Correia, então Ministro da Fazenda da União, chegou ao Rio, coincidindo com a revolta da esquadra, em fins de 1893. Foi requisitado por Floriano e cedido pelo governo do Estado de S. Paulo, tendo podido entrar em ação, ao lado do Governo Federal. Floriano declarou publicamente depois, que, sem êsse armamento, não lhe teria sido possível vencer, pois os revoltosos, bem armados, dominariam o Governo que não dispunha de armamento suficiente e de grande alcance.

Foi, portanto êsse armamento de S. Paulo que muito contribuiu para salvar a causa da República e, a iniciativa da sua aquisição proveio do Deputado Alfredo Ellis, o qual, mais uma vez participava na solidificação do regime republicano e democrático no Brasil.

* *
*

Desde que ingressara na Assembléa Constituinte, o Dr. Ellis mantinha-se em freqüentes viagens, de S. Paulo para o Rio de Janeiro e vice-versa, ora permanecendo mais tempo num lugar, ora noutro.

Em 94, estabeleceu-se com a família, em S. Paulo. à rua da Liberdade. Nessa ocasião, foi um dos maiores cooperadores de Bernardino de Campos, seu grande amigo e companheiro de lutas políticas desde a época da propaganda republicana.

Em 95, associando-se novamente a seu tio e sogro, o Cel. Francisco da Cunha Bueno, entrou em negociações com seus cunhados, os quais lhe venderam a parte que possuíam na fazenda Santa Eudóxia.

Aumentou, então, o campo de suas atividades, atuando no Rio de Janeiro, onde funcionava a Câmara dos Deputados, em S. Paulo, onde dirigia o Partido Republicano Paulista, e, em Sta. Eudóxia, onde a lavoura cafeeira desenvolvia-se pujantemente e exigia a sua presença. Era o dinamismo do Senador paulista que o impulsionava para essa tríplice atividade.

* *
*

Com a morte de Manoel de Moraes Barros e de seu irmão, Prudente de Moraes, o Deputado Alfredo Ellis foi eleito *Senador federal*, durante o período governamental de Bernardino de Campos em S. Paulo. Durante 23 anos, foi a sentinela avançada de seu Estado na Capital da República, honrou a Cadeira de Senador que ocupou, pugnando pela causa pública, principalmente por S. Paulo que tanto amava e pela sua classe agrícola.

Foi um grande Parlamentar pela inteligência viva, pela ampla cultura geral e, pela natural eloquência. Possuía certeza e coragem nas afirmativas, franqueza nas referências, combatividade agressiva, segurança e clareza absolutas nas argumentações, lógica e método nos raciocínios. Tudo isto, ao lado da sinceridade que lhe era natural e a fé e entusiasmo com que participava das lides políticas, empolgava os auditórios. Ele falava sempre de improviso, corretamente, com exuberante imaginação, aliada a profunda ilustração histórica, literária e filosófica. Seus apartes eram oportunos e suas respostas vibrantes, sem possibilidade de réplicas.

Certa vez, quando o senador baiano, Severino Vieira, defendendo a Cia. Docas de Santos, afirmou que o Senador Ellis falava “como macaco em loja de louças”, a resposta não se fêz esperar, o Senador Ellis retrucou, esmagadoramente: “os macacos quebram muita louça, mas não bolem nas gavetas”. Era o mesmo que chamar o bahiano de gatuno.

Outra vez, quando o ex-presidente Nilo Peçanha, contra o qual o Senador Ellis havia rudemente combatido, surgiu no Senado, vestindo um terno xadrês, o Senador paulista, não perdendo a oportunidade, disse: “veja, Sr. Presidente, onde o ex-presidente da República foi se colocar, o que é a consciência! . . .”

O Senador Alfredo Ellis não deixou livros, porém suas orações que constam dos "Anais" da Câmara Federal e do Senado, existem às dezenas, tendo sido anotadas, durante 34 anos seguidos. Tôdas elas revelam a personalidade marcante do nosso homenageado, a sua habilidade tribunicia e estratégia parlamentar, aliadas à elegância moral à tôda prova.

Muitas das campanhas iniciadas por êle, no Senado, foram vitoriosas, e, muitas idéias resultantes de uma sólida previsão e clarividência, foram postas em prática, anos após a sua morte: a *encampação da S. Paulo Railway*, atualmente realizada pelo Governo Federal, a *defesa e a valorização do café*, a *campanha da Docas*, hoje em vésperas de ser também encampada, fato já reconhecido pelo Executivo de S. Paulo, como medida necessária, para a resolução do problema do pôrto de Santos, e, por fim, a *previsão do D. N. C.*, com as suas malévolas conseqüências. . . Foram tôdas idéias do Senador Alfredo Ellis.

Êsse que fôra um descentralizador e um liberal-democrata, não viu, entretanto, o desfecho de suas teses defendidas com tanto ardor e tanta sinceridade, teses de quem fôra um dos construtores da economia cafeeira de São Paulo, e, um dos apóstolos da República.

* *
*

A São Paulo Railway. — O ataque à São Paulo Railway foi motivado pelos excessivos fretes que essa empresa inglesa cobrava no transporte de café. Possuindo o monopólio do transporte do produto principal da economia paulista, para o pôrto de Santos, e, sendo êsse produto mercadoria valiosa, a ponto de suportar exagerados fretes, a Companhia impedia que qualquer outra atravessasse a Serra do Mar com os seus trilhos. Além de tudo, a S. Paulo Railway, chegando a Jundiá, não quis prosseguir com suas linhas, abrindo zonas pelo interior a dentro, como o fizeram a Paulista, a Mogiana, a Sorocabana, etc.

Para o Senador, era doloroso observar a ação da Cia. inglesa contra os interesses de S. Paulo, pelo desvio de grande parte da sua euforia econômica para o exterior e pelo grande empate de capitais a que era obrigada a economia paulista.

Essa campanha foi a primeira luta iniciada pelo parlamentar paulista no Senado, em seu 1.º discurso, feito a 20 de junho de 1903. Durou até 1922.

Nessa árdua e persistente pugna, o Senador visava melhorar a ligação entre o Planalto paulista e o litoral, problema secular que tanto influiu na História de S. Paulo. Dispendeu largos esforços em benefício de sua sagrada terra, de seu povo e da sua classe agrícola.

Seus objetivos, entretanto, só foram atingidos vinte anos após o seu falecimento: a empresa inglesa perdeu o monopólio da ligação entre o Planalto e o litoral, com a Mayrink-Santos e, depois, foi encampada em 1946. Estava resolvido o problema, mais ou menos, como queria o Senador Alfredo Ellis.

* *
*

A Campanha do Café. — A campanha do Café foi iniciada pelo parlamentar paulista, desde 1903, nessa primeira década do século XX, em que a super-produção, abarrotando os mercados de consumo, provocara a fatal queda dos preços. Seria preciso que fôsse retirado do mercado o excesso da oferta, para entrar com êsse excesso, em ano de produção menor, suprimindo o consumo.

Pugnou o Senador em prol da lavoura paulista, da qual fôra um dos pioneiros, com a mesma tenacidade dos tempos em que fôra um “bandeirante do café”.

Nessa luta, esboçou-se e tomou vulto o seu princípio econômico da defesa do café. Tudo o que tem sido feito, em meio século, com êsse objetivo, tem raízes no velho projeto do Senador, elaborado em julho de 1903 e, posteriormente aperfeiçoado por êle mesmo. E’ que, antigo lavrador, grande conhecedor do problema, o Parlamentar paulista já sabia que o principal produto da economia do nosso Estado era o Café e, com profundo espírito de previdência, achava, entretanto, que o ideal seria a defesa ser feita pelo próprio Estado e não pela União.

No entanto, havia o obstáculo da Comissão de Finanças do Senado que, apesar de especializada em assuntos econômicos, revelou profunda ignorância, em relação ao produto básico da estrutura econômica da Nação, obrigando o Senador Alfredo Ellis a proferir no Senado, estas palavras:

“O Brasil é o país do café, porque é o seu principal, quase único produto de exportação. E’ o nosso ouro, é com essa moeda que pagamos o que importamos”.

palavras que hoje, encerram um conhecimento geral dêsse assunto.

No entanto, êsse primeiro projeto, lançado em 1903, não passou.

Em 1906, como previra o Senador, a situação piorava e o presidente de S. Paulo, na ocasião o Snr. Jorge Tibiriçá, convocou representantes do Estado de Minas Gerais e do Rio de Janeiro para o “Convênio de Taubaté”, acôrdo pelo qual os três Estados tomavam o encargo da defesa do Café, segundo os moldes do projeto de 1903, do Senador Alfredo Ellis. Seria levantado um empréstimo

externo, com o produto do qual, o excedente do consumo seria comprado e retirado do mercado.

Para o empréstimo desejado por S. Paulo, os banqueiros norte-americanos solicitados, exigiram o endôssô da União, porém, a Comissão de Finanças do Senado recusou-o. Seria a ruína e a perda de um estoque de 8 milhões e meio de sacas que cairia em poder dos norte-americanos, por um insignificante capital.

Foi grande a tarefa do Senador Alfredo Ellis que acompanhara com entusiasmo a diretriz traçada pelo Estado bandeirante. Conseguiu por intermédio do General Pinheiro Machado, então o líder da Casa do Senado, que o parecer da Comissão de Finanças fôsse modificado. O endôssô foi , então concedido e o empréstimo foi feito. Era mais uma vitória parlamentar da qual participou o esforço do Senador Alfredo Ellis, em prol da economia paulista.

Logo depois, iniciou-se a *segunda* fase dessa campanha em prol do Café.

Aproveitando-se da emissão efetuada pelo presidente Wenceslau Braz em 1917, quando o Brasil entrou em guerra com a Alemanha, no ano seguinte o Senador Alfredo Ellis, que então fazia parte da Comissão de Finanças do Senado, emendou a proposição de 150 mil contos, do ano anterior, para 300 mil, conseguindo a metade para a compra do Café. Entretanto, o Ministro da Fazenda, Snr. Antônio Carlos de Andrada, diminuiu a soma para 110 mil contos. Foram então compradas somente 3.250.000 sacas de café, por baixo preço.

A geadas de junho de 1918 reduziu a colheita de 75% da sua estimativa primitiva. Com isso, os preços subiram e o café comprado por pouco, foi vendido por muito. Infelizmente milhares de fazendeiros foram arruinados com a geadas imprevista, porém, a lavoura foi salva. As 3.250.000 sacas de café compradas por 110 mil contos, produziram, para a União, 65 mil contos de lucros, cabendo igual soma para o Estado de São Paulo.

A iniciativa do Senador Alfredo Ellis, nesta 2.a fase da campanha do café, fôra de grande êxito.

A 3.a fase iniciou-se, durante a presidência do Snr. Eptácio Pessoa; novamente o desequilíbrio entre a oferta e a procura ameaçava a lavoura cafeeira paulista.

Novamente, o Senador Alfredo Ellis, com seu amplo conhecimento de assuntos econômicos, principalmente referentes ao café, aconselhou o melhor caminho a ser seguido: o consumo não conseguindo absorver a produção, requeria a intervenção dos poderes governamentais.

A situação tornando-se cada vez pior, o Presidente Eptácio Pessoa, após uma visita ao Estado paulista, levou a efeito a 3.a valorização do café.

Entretanto, o Senador Alfredo Ellis, segundo constam dos "Anais" do Senado, previra a baixa e clamava desde um ano antes e, se tivesse sido ouvido, um incalculável prejuízo teria sido poupado para S. Paulo e para o Brasil. Essa previsão do Senador é inteiramente desconhecida, pelos que querem fazer o histórico das Defesas do Café.

A 4.a fase dessa campanha iniciou-se, quando, em 1921 foi apresentado, na Câmara dos Deputados, pelo Deputado Rafael Sampaio Vidal, um projeto para a defesa permanente do café.

Quando chegou ao Senado, o projeto vitorioso encontrou oposição na maioria dos membros da Comissão de Finanças dessa Casa Legislativa, os quais se não usaram de maiores obstáculos, foi por intercessão do Senador Alfredo Ellis. Entretanto, êle que era favorável à medida, em suas linhas gerais, foi acusado, em S. Paulo, de haver procurado impedir o andamento da mesma. O que êle criticava no projeto, era a forma da entrega do café e da sua defesa, ao Governo Federal, fato que resultou, mais tarde, na criação do D. N. C. com as suas malévolas conseqüências.

Mais uma vez, o Senador acenava para a posteridade com o seu espírito de previsão. E' o que provam os seus discursos nos "Anais" do Senado Federal.

* *
*

A Campanha da Docas. — Na Campanha contra a Docas, iniciada em 1906, o Senador Alfredo Ellis visava o barateamento do serviço ligado à economia de sua terra, que, sem isso, ficava na impossibilidade de poder exportar qualquer outro gênero que não fôsse o café. Clamava também contra a elevação de taxas.

Pela sua combatividade, em prol do povo de S. Paulo e da lavoura paulista, esta 1.a fase da campanha foi vitoriosa, sendo aprovadas as instruções do Diretor Geral de Obras e Viação, sobre a fixação do capital e tomada de contas de empresas particulares, tendo a seu cargo o melhoramento de portos e a revisão das tarifas.

A 2.a fase iniciou-se já no governo Afonso Pena, o qual exigiu da Companhia o cumprimento da lei. Esta, vendo os seus interesses contrariados, ao que era obrigada pelo Ministro Miguel Calmon, nomeava defensores no Senado.

Mais uma vez, o Senador teve que lançar mão de seus combativos discursos. Mais uma vez a Companhia foi obrigada a cumprir a lei. Recorreu ao Judiciário, porém, foi vencida.

Com a morte de Afonso Pena, o Governo foi ocupado pelo Vice-Presidente Nilo Peçanha.

Durante êsse período, a política do Governô, em relação à *Docas*, alterou-se profundamente, sendo assinado um acôrdo, em 4 de outubro de 1909, pelo qual a Companhia se subtraía de suas obrigações legais, podendo auferir lucros líquidos, superiores aos que lhe permitiam a Lei e o seu contrato, com prejuízo do Tesouro Estadual e do povo de S. Paulo.

Nessa ocasião, o Senador Alfredo Ellis lutou sòzinho contra 95% dos Senadores governistas e essa luta prosseguiu, agressiva, até o início do govêrno do Marechal Hermes da Fonseca, em 15 de novembro de 1910.

O único apôio ativo que recebeu, foi dos Deputados do Partido Republicano Paulista, entre os quais, seu genro, o Deputado Artur Palmeira Ripper e seu amigo o Deputado Galeão Carvalhal.

Entretanto, S. Paulo e o Senador Alfredo Ellis perderam a cartada, com o ato de Nilo Peçanha, que dera a vitória e concedera favores à Companhia.

Só 40 anos depois é que a vitória haveria de sorrir decisivamente pela causa que tanto lutára o Parlamentar paulista.

* *

*

Ainda no *cenário político* de seu tempo, o Senador Alfredo Ellis teve principal atuação, na Campanha civilista, ao lado de Rui Barbosa, e, em relação ao Partido Republicano Paulista. Entretanto, êsse velho soldado republicano, o Senador Alfredo Ellis, não foi um político na acepção da palavra, pela sua grande sinceridade, pelo seu indisfarçável individualismo, independência de atitudes, franqueza e intransigência rígida. Não possuía o contôrno psicológico da maleabilidade que os políticos imperiais revelaram na política do Prata. Êle era como Feijó, “quebrava, mas não dobrava”...

A Campanha Civilista. — A Campanha civilista iniciou-se com a morte do Presidente Afonso Pena, o qual não concluíra o período governamental, que teve de ser terminado pelo Vice-Presidente, Nilo Peçanha.

Êste, não soube manter a imparcialidade no pleito que depois se feriu, em 1909, entre os candidatos: o militar Hermes da Fonseca e o civil, Rui Barbosa.

O primeiro, como candidato oficial, venceu oficialmente a eleição, em detrimento do segundo, embora êle fôsse vencedor no Estado de S. Paulo.

O grupo civilista não reconheceu o resultado e iniciou-se a luta parlamentar, na qual, 90% dos combatentes, representantes dos vários Estados brasileiros, eram hermistas. Entre êles, estavam os Senadores paulista, Glicério e Campos Sales. Chefiava-os Pi-

nheiro Machado, o herói de Inhanduí, homem de pequena cultura, porém, de muita força de vontade e grande inteligência.

Rui Barbosa, ainda que fôsse um gênio, não tinha a combatividade rude contra tantos adversários. Para secundá-lo, foi preciso o braço de um combatente enérgico e audacioso. Este foi o Senador Alfredo Ellis que escorou a luta acérrima, ao lado de Rui.

Quando em 1913 terminava o quadriênio Hermes, novamente Rui Barbosa foi candidato. Desta vez, porém, seu companheiro de chapa não era o Presidente de S. Paulo e sim o Senador Alfredo Ellis que, não tendo perfilhado a orientação de seu Partido, nem seguido a política de seu Estado, acompanhou Rui, seu antigo companheiro de lutas, nas mesmas trincheiras parlamentares, fundando, com o político bahiano, o "Partido Liberal", na Convenção de 27 de julho de 1913.

A opinião pública considerava com justeza o Senador Alfredo Ellis, como companheiro de Rui e líder ativo da Convenção. Foi essa opinião que determinou que o Senador paulista fôsse o companheiro de chapa do parlamentar baiano.

No entanto, esta 2.^a Campanha civilista estava predeterminada ao fracasso, não havia sido obtida nenhuma adesão oficial.

O Senador Alfredo Ellis, nunca, em todos os momentos de sua vida, demonstrou tão bem a sua alma cavalheiresca, seu brilho idealista de um taumaturgo da coerência e do desapêgo às posições, de espírito de sacrifício por uma bandeira, da qual quase todos haviam desertado. Ficou com Rui Barbosa, embora isso o prejudicasse: era a firme diretriz de quem deixou para a posteridade um inextinguível patrimônio moral.

Em manifesto publicado em 28 de dezembro de 1913, Rui Barbosa e Alfredo Ellis resolveram não prosseguir na campanha e desistir da candidatura. Essa desistência, aplacando a onda de "ruismo", fêz com que o Snr. Wenceslau Braz não encontrasse competidor.

* *

*

Em relação ao *Partido Republicano Paulista*, a política do Senador Alfredo Ellis iniciou-se logo após a Proclamação da República, quando recebeu a honrosa indicação do Partido, para tomar parte no Congresso Constituinte, como representante de S. Paulo.

Era então um simples soldado republicano da democracia e seu individualismo de apóstolo doutrinador do novo regime, vibrava em uníssono, com a comunidade partidária. Essa servitude do indivíduo ao Partido, ocupou toda a primeira parte da vida política do Dr. Ellis, isto é, todo o tempo em que ele foi deputado.

Não era difícil ser disciplinado, obedecendo as diretrizes próprias num grupo de homens livres.

Nesses primórdios da República, o Partido Republicano Paulista era comandado pelos indivíduos que se destacaram nos tempos heróicos da oposição, nas últimas décadas do regime imperial: Campos Sales, Bernardino, Prudente, Rangel Pestana, Glicério, Fernando Prestes, Cerqueira César, Moraes Barros, Tibiriçá e outros.

Com o decorrer dos anos, o tempo foi substituindo êsses primeiros chefes, por novos expoentes, muitos dos quais, embora conhecidos do Senador Alfredo Ellis, não eram, entretanto, muito chegados a êle por grandes ligações de amizade. Isto fêz enfraquecer o laço partidário, o que era acrescido pelo fato do parlamentar paulista não possuir a maleabilidade política, na extensão da palavra. Por isto, sem estar pròpriamente preso aos rígidos quadros de dura disciplina partidária, não sacrificou o seu indisfarçável individualismo, o qual se aliava a uma certa independência de atitudes que sempre manteve, com a aquiescência e tolerância do Partido.

O maior ato de indisciplina partidária do Senador Alfredo Ellis efetuou-se por ocasião da 2.ª Campanha civilista, como já foi verificado. S. Paulo era governado pelo Conselheiro Rodrigues Alves, o qual não quis enfrentar uma nova campanha contra a União, desde que a primeira, levada a efeito contra a candidatura Hermes, havia custado muito ao Tesouro estadual. Em virtude disto, S. Paulo apoiou o nome do mineiro Wenceslau Braz para a presidência da República, com a condição de, depois, Minas apoiar um candidato paulista.

O Senador Alfredo Ellis, velho propagandista, no serviço da República e de S. Paulo, não foi consultado e, como velho soldado, considerando-se injustamente desprestigiado, não acatou a deliberação partidária, rompendo com o Partido Republicano Paulista e conservando-se fora de seus quadros durante 3 anos.

De fato, nessa ocasião, o P. R. P. tomara uma grave deliberação, não realizando a Convenção partidária que sempre lhe conferira o caráter democrático.

Na época da eleição do Snr. Altino Arantes, pessoa de grande estima do Senador Ellis, êste não se fêz de rogado, ao acorrer ao chamado das antigas fileiras, onde havia combatido e fêz parte do conclave que escolheu o sucessor do snr. Rodrigues Alves.

Depois do período do Snr. Altino Arantes, nos quadriênios do snr. Washington Luis e do snr. Carlos de Campos, foi fácil ao Senador Alfredo Ellis, até o fim de sua vida, acompanhar a disciplina dêsse partido, que edificou a prosperidade e a grandeza de S. Paulo, dentro de seu sábio regime administrativo.

Durante todo o tempo em que atuou no cenário político brasileiro, e, desde os princípios dêste século, em que ficou proprietário único do velho solar de Sta. Eudóxia, o Senador Alfredo Ellis esteve entre a lavoura e a política. Venceu esta última.

Uma das maiores alegrias na vida política do Parlamentar paulista, foi o movimento da classe estudantina de S. Paulo, em prol de sua candidatura ao governo do Estado, levantada, no fim do período do sr. Albuquerque Lins, pelo Snr. Inácio Uchôa.

À frente d'esses estudantes, estavam os acadêmicos de Direito: Clovis Botelho Vieira, Dolor de Brito Franco, Vicente Penteado, Antônio Define e Rubens Nocce; os doutores A. A. Covello, Azevedo Soares, Demétrio Seabra, César Vergueiro, Múcio e Cesar Costa, Eugênio Leuenroth e os estudantes de engenharia, Luiz Pereira de Queiroz e João Carlos Fairbanks.

Esse movimento trouxe grande satisfação ao Senador Alfredo Ellis, que por estar em terra longínqua, muitas vèzes sentia, amargurado, a indiferença silenciosa de seu Estado, do seu Partido, da classe rural e do povo de sua terra.

Embora, tendo o seu nome vetado pelos membros da antiga dissidência do Partido Republicano Paulista, nunca se esqueceu dessa manifestação sincera, da classe estudantina paulista. E, completamente desambicioso, sempre super-estimando a sua posição no Senado Federal, retirou seu nome de qualquer cogitação e impôs o do Cons. Rodrigues Alves.

Em 1919, por motivo de saúde e, após um insucesso agrícola, o Senador Alfredo Ellis, vendendo sua fazenda e abandonando o meio rural, fixou-se definitivamente no Rio de Janeiro, à rua Cárvalho de Sá, onde teria um fim de vida tranqüilo, ainda que modesto, após uma vida trabalhosa, em prol da lavoura cafeeira e de seu Estado.

Aí, na Capital da República, formou uma roda de convivência, com novos amigos e conhecidos, dos quais, às vèzes, recebia manifestações de quanto era estimado. O Centro Paulista que êle, como presidente, impulsionara e fizera progredir durante 15 anos, era o seu ponto preferencial, onde cuidava da volumosa correspondência e dava audiências, cercado de grande número de amigos e admiradores.

* *

*

Em junho de 1925, aquêle que fôra um grande lutador durante tôda a vida, chegava ao fim de sua existência.

Seu último pensamento e suas últimas palavras, foram voltados para o que lhe havia sido uma obsessão durante tôda a vida: "A honestidade para consigo mesmo" . . .

Dois dias depois, S. Paulo recebia o corpo de seu filho, o bravo patriarca, o Senador Alfredo Ellis, que hoje repousa nesta terra paulista, que é a nossa, a qual êle tanto amou e tão bem ensinou os seus a amar.

* *

*

Creio que o principal traço psicológico do Senador Alfredo Ellis tenha sido a sua fibra de lutador, o que orientou todos os seus atos e empreendimentos, assinalando profundamente tôdas as fases de sua vida. Aliado ao espírito vivo e inteligência aguda, êsse traço foi a mola impulsionadora da combatividade e dinamismo e do ardoroso arrôjo que lhe caracterizaram a infância, o período de formação em terra estranha, a fase em que foi “bandeirante do café”, e a política. Nem mesmo quando as cãs lhe prateavam a cabeça de ancião que vivera quadras tortuosas de uma vida acidentada, o Senador mudou êsse traço marcante de sua psicologia; por êste motivo, conservou sempre o mesmo entusiasmo conferido pelo seu temperamento cheio de eterna mocidade.

Emoldurando essa característica principal, destacavam-se a sua sinceridade, que ia até aos limites da candura, o espírito de sacrifício e de renúncia, de quem jamais conhecera o egoísmo e a ambição, a dedicação para com os de sua família e para com seus amigos, a modéstia que não o deixava se insinuar, proclamando as próprias ações, a tolerância e a cordura.

De espírito progressista, êsse liberal democrático, portador de uma genealogia, membro da velha aristocracia rural, era excessivamente simples, não se orgulhava de tudo isso, que para êle eram meras curiosidades. Achava que o único motivo de orgulho dos indivíduos deve provir das suas próprias ações. Dizia sempre que preferia ser um antepassado, do que possuir antepassados.

E êle foi de fato, um grande antepassado, que, sem ter legado um grande patrimônio material, legou um enorme patrimônio moral à sua família e ao seu Estado.

Sob o aspecto grave e reservado de anglo-germânico, sob a frieza aparente de severidade, ocultava-se uma alma de profundo sentimental. O calor da emoção fazia fundir, rapidamente, a camada aparente de gelo, quando se referia à sua família, ou à sua terra paulista.

A aparência tranqüila, impertubável e impenetrável daquele filho de duas estirpes insociáveis e inimigas de expansões, iludia muitas vêzes os observadores, pois, esparramadas as cinzas que cobriam a chama de seu temperamento arrebatado, o austero Senador Alfredo Ellis revelava-se sensível e vibrátil.

Todos os seus empreendimentos encerravam elegância e nobreza de ação e, mesmo nas lutas encetadas, durante as diferentes fases de sua vida, nunca deixou de lado o cavalheirismo e a cortezia dominantes em seu temperamento.

O Retrato Físico. O porte vertical, a estatura esguia e o tipo másculo, nunca o abandonaram, embora as faces claras, ligeiramente rosadas tivessem fenecido e a bela barba loura acobreada, se transformado em nívea barba de profeta bíblico.

Sempre cuidado, com sóbria distinção, porém nem sempre envergando roupa nova, êi-lo no seu impecável fraque azul, nas suas

calças listadas e bem sulcadas, no seu colete de linho branco muito bem engomado, punhos e colarinho duros, gravata de laço já feito, clássico chapéu de côco e guarda-chuva de castão de ouro.

Seu semblante, amigo e acolhedor, a sua figura imponente de homem superior, eram tão impressionantes, que feriram para sempre a minha memória, quando em criança, o conheci. Para mim é como se êle ainda estivesse vivo, tão funda e nítida é a impressão que dêle conservo.

Por isso, movida pela grande saudade, vim aqui para lhe prestar uma modesta, porém, muito sincera homenagem, dizendo que: o exemplo deixado por êle, não pode ser esquecido pelas gerações presentes e pelas gerações futuras, para que São Paulo continue a ser o que tem sido até agora, e, para que seja justificado o nosso lema: "*NON DUCOR DUCO*"

MYRIAM ELLIS AUSTREGÊSILO

Licenciada em Letras Neo-Latinas e auxiliar técnica
da Cadeira de História da Civilização Brasileira
(U.S.P.).